

Trabalhadores brasileiros, brasileiros trabalhadores: Resignificação da identidade étnica entre emigrantes de origem rural (do Oeste do Paraná - Suíça, 1970-2008)*

Méri Frotscher**

Resumo: Neste artigo exploramos memórias de emigrantes de origem rural do Oeste do Paraná, Brasil, retornados da Suíça, onde trabalharam em propriedades através de uma entidade que faz parte da Liga Suíça de Agricultores. Procuramos perceber, em primeiro lugar, como a migração influencia a afirmação de identidades étnicas e nacionais; em segundo, em que situações expressam estas identidades e que elementos são utilizados; em terceiro, que relações são estabelecidas entre identidades individuais, familiares e locais.

Palavras-chave: migrações, identidade étnica, memórias

Abstract: This article focuses on memories of rural emigrants from western Parana who returned from Switzerland, where they worked in agriculture, mediated by a Swiss state organization. We'll try to perceive in first place how the migration influences the affirmation of ethnic and national identities; secondly in which situations these migrants express these identities and what elements they use for; thirdly which relations are established between individual, familiarly and local identities.

Key words: migrations, ethnic identity, memories

As reflexões deste artigo resultam de um projeto de pesquisa¹ que acompanhou a emigração contemporânea de jovens de um distrito do município de Toledo, Oeste do Paraná, para trabalhar em propriedades rurais na Suíça. Deste distrito, há quase 40 anos migram trabalhadores para a Suíça,² onde estes exercem, temporariamente, atividades laborais na agropecuária, sob intermédio da Agroimpuls, integrante da Liga Suíça de Agricultores (*Schweizer Bauernverband*).

Segundo a entidade, sua tarefa principal é disponibilizar “prestação de serviços boa e de baixo preço a famílias de agricultores suíços, seja através do recrutamento de estagiários e de força de trabalho, seja através da comercialização direta de seus produtos.”³ Com isso, a entidade visa minimizar o problema da falta de oferta de mão-de-obra autóctone nas propriedades rurais daquele país.

Atualmente a entidade recruta mão-de-obra de diversos países do mundo, principalmente do Leste Europeu. A maioria dos recrutados permanece apenas três ou quatro meses na Suíça, sem frequentar cursos técnicos. Outro programa recruta mão-de-obra para

trabalhar 18 meses e oferece um curso técnico de três semanas. Um programa especialmente dirigido para o Brasil, em vigor desde o fim dos anos 60,⁴ oferece 18 meses de trabalho, um curto seminário introdutório logo após a chegada ao país, mais duas semanas de curso técnico e uma viagem de caráter turístico, da qual participam todos os brasileiros selecionados. Apesar de o número de brasileiros, limitado em 60 por ano, ser bem menor em relação ao de outras nacionalidades, este programa demonstra regularidade e é, em geral, bem sucedido, na avaliação daqueles que o promovem e/ou participam dele.⁵ As atividades laborais são legitimadas pela idéia de “estágio” (*Praktikum*), cujas normas lhe conferem um status especial na Suíça. Através deste mecanismo, se justifica legalmente uma jornada superior à exercida normalmente pelos trabalhadores suíços. A jornada de trabalho diária é determinada pela Agroimpuls, conforme a legislação de cada cantão, podendo variar, oficialmente, de 9 a 11 horas. Entretanto, segundo relato de retornados, a carga horária é, em geral, maior do que esta, principalmente no verão, quando o trabalho é intensificado.

*Uma versão preliminar deste texto foi apresentada durante o *Colóquio Internacional Migrações e outros deslocamentos no Oeste do Paraná e na Argentina*, promovido pela Linha de Pesquisa Práticas Culturais e Identidades – Mestrado em História, ocorrido em abril de 2008 na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Mal. Cândido Rondon.

**Doutora em História Cultural. Professora dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: merif@unioeste.br

¹Projeto de Pesquisa Institucional da UNIOESTE intitulado: *Do oeste do Paraná rumo à Europa: Emigração, Memórias e Identidades*, desenvolvido entre 2007 e 2009.

²Foram realizadas treze entrevistas com pessoas que trabalharam na Suíça através do programa da Agroimpuls e com dois casais, pais de migrantes retornados. As entrevistas foram gravadas nos municípios de Marechal Cândido Rondon, Toledo e Nova Santa Rosa - PR. Destas entrevistas, oito foram realizadas na localidade focalizada neste artigo. As entrevistas, em posse da autora, tiveram uma média de uma hora de duração e foram gravadas em suporte digital. Agradecemos a colaboração de Daiane da Silva e Diná Schmidt, discentes do Curso de História e bolsistas de iniciação científica (CNPq/Unioeste). Como não poderia deixar de ser, expressamos também nossos agradecimentos a todos os que gentilmente se colocaram à disposição para a conversarem conosco sobre suas experiências.

³www.agroimpuls.ch/de/portrait.asp Consulta em 20.05.09.

⁴A Agroimpuls, entretanto, tornou-se responsável pelo programa somente a partir do final dos anos 1990.

⁵De 1991 a 2005 o número de praticantes brasileiros oscilou entre 39 e 63. Em 2002 houve uma elevação do número de brasileiros de 50 para 65, mantendo-se uma média de 62 praticantes por ano. *Vermittlungszahlen von Agroimpuls*. Estatística sobre a proveniência da mão-de-obra recrutada pela Agroimpuls entre 1991 a 2005, cedida pelo mediador da Agroimpuls em Toledo.

A obrigatoriedade de a família suíça abrigar o “estagiário” em sua casa o coloca em contato permanente com o ambiente de trabalho, favorecendo um maior aproveitamento de sua mão-de-obra. Desta maneira o programa também procura reproduzir um ambiente mais “familiar” e que facilite sua adaptação. Isto possibilita o estabelecimento de laços mais fortes entre patrão e trabalhador, influenciando, muitas vezes, como se verá mais adiante, a forma como este último se identifica, constrói fronteiras étnicas e nacionais e apreende seu lugar no mercado de trabalho.

Atualmente a grande maioria dos brasileiros selecionados pela Agroimpuls é oriunda do Sul do Brasil, especialmente do Oeste dos estados do Paraná e do Rio Grande do Sul. Os pré-requisitos para participar do programa são idade de 18 a 30 anos, conhecimentos da língua alemã, francesa ou inglesa e experiência na atividade produtiva agropecuária. A principal estratégia de divulgação do programa é a indicação de candidatas pelos ex-“estagiários”, muitas vezes parentes. O uso das relações de parentesco neste processo de reprodução da migração é uma dimensão significativa, considerando ser a família categoria importante entre os agricultores. Os candidatos são entrevistados em alemão pela representante suíça da Agroimpuls, a qual vem todo ano para o Brasil, especialmente para este fim. No Oeste do Paraná, um ex-“estagiário” é responsável em dar informações sobre o programa, recolher a documentação e reunir os candidatas para a entrevista. Segundo ele e os candidatas, não são cobrados honorários por estes serviços, prática não rara, mas coibida pela Agroimpuls. Nesta função há poucos anos, este intermediador exerce papel fundamental na arregimentação de candidatas. Inspira relativa confiabilidade em relação ao programa, em virtude de sua própria experiência como ex-“estagiário” e, também, do entusiasmo com o qual se refere a suas experiências como trabalhador na agricultura no exterior.

Por intermédio dele pudemos acompanhar parte do processo de seleção ocorrido no Oeste do Paraná, em novembro de 2007. No município de Toledo, mais especificamente na localidade tratada aqui, realizam-se atualmente as entrevistas para a seleção dos candidatos de toda a região.⁶ Em virtude do atraso da representante suíça da Agroimpuls, que vinha direto do aeroporto entrevistar os candidatas, tivemos a oportunidade de conversar, na casa do intermediador, individualmente com parte dos candidatas que vinham chegando e pedindo informações sobre o novo horário da entrevista. Nosso objetivo era colher alguns dados socioeconômicos e sondar as expectativas e imagens dos candidatas em relação à Suíça. Muitos deles, mas não todos, são filhos de pequenos proprietários rurais. A

maioria afirmou querer aprender novas tecnologias, obter experiências de vida e economizar dinheiro. Há o compartilhamento de um imaginário que representa a Suíça como país de agropecuária moderna, o qual tem contribuído para a reprodução da migração. A menção à tecnologia se deve ao fato de a própria entidade divulgar o programa como uma forma de incentivar a transferência de tecnologias, mas principalmente devido a fotografias, relatos e investimentos feitos por alguns retornados. É o que comenta um deles e que, no momento da entrevista, sonhava em abrir com seu irmão uma pequena fábrica de queijos:

Eu tenho um colega meu que foi comigo, ele [...] construiu um chiqueirão, uma granja, e tá se dando bem, como outros que voltaram, trabalhavam com os pais em casa, investiram o que eles conseguiram lá, tanto em conhecimento, como em valores, em capital também, na produção de leite, com equipamento, com a melhoria genética dos animais, do trato também, de acordo com o que aprenderam lá.⁷

Todos os candidatos entrevistados são descendentes de alemães e têm algum conhecimento da língua alemã, mas a maioria precisou da ajuda de terceiros para preencher o formulário da Agroimpuls. Perguntados pela autora, a maioria demonstrou não saber maiores detalhes sobre os ancestrais imigrantes, de que regiões e quando migraram para o Brasil. Também não soube discernir o tipo de alemão falado na família, se é dialeto ou não, demonstrando apenas que sabem que é diferente do falado na Suíça. Pudemos notar, entretanto, que muitos deles expressam uma identidade híbrida, a de brasileiros descendentes de alemães e de origem rural, a qual é usada para pleitear uma vaga do programa. Durante o trabalho de campo, assistimos ainda à apresentação do programa feita em alemão pela representante da Agroimpuls, após o que foi dado espaço aos candidatos para esclarecimento de dúvidas.

Fatores como a agricultura mecanizada e o fato de muitos jovens terem alguns conhecimentos da língua alemã explicam o foco da entidade na região Oeste do Paraná. A localidade foco da pesquisa foi ocupada a partir do final dos anos 1940 por pequenos proprietários oriundos, a maioria, do Rio Grande do Sul, para os quais a migração representava a possibilidade de reprodução de sua condição de pequenos agricultores. A partir dos anos 1970, a mecanização da agricultura, a aquisição de implementos agrícolas e a ampliação da área cultivada inviabilizaram “o modelo fundiário baseado nas pequenas propriedades de 10 alqueires”.⁸ Ocorreram mudanças no modelo de produção capitalista na região como um todo, com a subordinação da agricultura à indústria, a inserção da monocultura e a integração da

⁶Anteriormente as entrevistas com os candidatos do Oeste do Paraná eram realizadas no município de Missal, onde morava o mediador anterior da Agroimpuls.

⁷Entrevista concedida por Rafael Huber à autora e Daiane da Silva, Toledo, 19.09.2007.

⁸SCHREINER, Davi Félix. *Cotidiano, trabalho e poder*. A formação da cultura do trabalho no Extremo Oeste do Paraná. 2ª. Ed. Toledo: EdT, 1997, p. 87.

região ao mercado internacional. O processo de concentração fundiária e o aprofundamento da divisão do trabalho provocaram deslocamentos do campo para a cidade e também migrações para outras localidades. Assim, a urbanização se desenvolveu a partir destas mudanças ocorridas no campo.⁹ Se em 1970 a população urbana no Oeste do Paraná era de 19,87%, em 2000 passou para 81,61%, praticamente invertendo a proporção demográfica campo/cidade.¹⁰ Atualmente, a região constitui importante área agrícola do estado do Paraná e região absorvedora de novas tecnologias.

No distrito foco deste artigo, diversas propriedades atualmente se integram à produção agroindustrial do município, sede de unidade do maior frigorífico de suínos e aves do Brasil.¹¹ Através do sistema de “integração”, o agricultor se vincula, “através de uma ou mais atividades produtivas, a uma cooperativa ou a empresas particulares, comprometendo-se a vender a produção à empresa a qual está integrado. Em troca, recebe facilidades na organização e funcionamento da atividade”.¹² Segundo Davi Schreiner, o sistema de “integração” não deixa de ser uma forma de exploração da mão-de-obra do campo, pois o agricultor se torna um “operário” sem ter carteira assinada.¹³

Nesta pequena localidade rural, a migração internacional tem sido representada pelos retornados da Suíça e desejos de migrar como uma possibilidade de aumentar seu ganho e acumular experiências de vida. Ali é possível perceber nitidamente o papel das redes sociais na reprodução da migração. Este universo menor nos possibilita também apreender as diferentes memórias da migração e da vivência no exterior, levando em conta fatores como geração, época da migração, expectativas em relação ao programa, experiências profissionais anteriores e sua relação com discursos de identidades étnicas e nacionais que com elas estão relacionados.

Ao analisar as entrevistas com os retornados, pudemos observar que a época em que emigraram e, portanto, sua idade, constitui um dos elementos que diferenciam as experiências que tiveram na Suíça e até mesmo as memórias da migração. É o que iremos discutir a seguir.

Geraldo Vogel é um dos casos de emigrantes da primeira geração na localidade. Foi para a Suíça em 1973, quando tinha 22 anos, ficando até 1976 numa propriedade que já havia recebido mão-de-obra brasileira. Naquela época a estadia era de três anos e os jovens partiam de navio em direção à Europa e durante a

travessia já eram preparados teoricamente para o estágio, através de um curso técnico. O entrevistado enfatiza ter tido também a oportunidade, já na Suíça, de freqüentar um curso profissionalizante de nove meses e de ter recebido diploma de técnico agrícola.

Logo no início da entrevista, Geraldo se auto-identifica como o “quarto filho” do distrito.¹⁴ Foi desta forma, “pioneiro” do distrito e também um dos primeiros da localidade a ir para a Suíça, que também foi representado pelo ex-“estagiário” e atualmente intermediador da Agroimpuls, de geração mais nova, que o indicou para ser entrevistado. Geraldo constrói uma memória sobre sua trajetória individual em diálogo com memórias sobre o processo de ocupação do distrito compartilhadas por outros moradores. Sua auto-identificação se apropria de uma narrativa épica corrente na região, a qual valoriza positivamente os “pioneiros”, representados como os desbravadores e agentes do progresso. Sua memória, portanto, apresenta elementos que não são apenas individuais, mas socialmente constituídos, como a valorização da primordialidade.

Um dos trechos do seu relato oral, em especial, revela aspectos interessantes para analisarmos as relações entre memórias e aquilo que entendemos como expressão de identificações. Ao rememorar sua estadia na Suíça, Geraldo salienta que todos notavam que era estrangeiro. Mas, segundo ele: “naquela vez não tinha rejeição nenhuma, isso foi em 73, naquela época a Suíça tava precisando de muitos estrangeiros pra trabalhar, naquela época eles não tinha rejeição aos estrangeiros...”¹⁵ Ao se referir duas vezes à expressão “naquela época”, se percebe que narra suas vivências a partir das notícias atuais que recebe sobre a Suíça, obtidas através de “estagiários” mais jovens, entre eles o seu filho, e que retornaram para o distrito. Apesar de afirmar não ter sentido rejeição, lhe causava certo ressentimento ser reconhecido como estrangeiro:

(...) a gente sabia falar [alemão]. Assim, pra mim eles sempre achavam que eu era australiano, por causa do sotaque. **Que na verdade nós não somos brasileiros, né, nós somos brasileiros porque nascemos aqui, mas o sangue é tudo europeu.** Eles não acreditavam, eles tinham a imagem que o brasileiro era mais moreno, preto. Eles não podiam pensar lá que tinha uma colônia de alemães, assim, aqui na região...¹⁶

Geraldo parecia não aceitar ser reconhecido como estrangeiro, em virtude da crença em sua origem

⁹SCHREINER, op. Cit., p. 98.

¹⁰PERIS, Alfredo Fonseca (Org.) *Estratégias de desenvolvimento regional*. Região Oeste do Paraná. 2ª. Ed. Cascavel: Edunioeste, 2008, p. 200.

¹¹Muitas das propriedades dos entrevistados ou de seus familiares criam aves e suínos para a empresa Sadia. O PIB agropecuário do município de Toledo é o maior do Paraná e o 11º do Brasil. O município tem o maior rebanho suíno e o maior plantel de frango do estado do Paraná, sendo o terceiro maior produtor de leite do estado. <http://www.toledo.pr.gov.br/?page=toledoNumeros> Consulta em 20.05.2009.

¹²SCHREINER, op. Cit., p. 22.

¹³Idem, ibidem.

¹⁴Entrevista concedida por Geraldo Vogel e Rafael Huber à Daiane da Silva, Toledo, 11.11.2008. Para todos os entrevistados citados neste artigo serão utilizados pseudônimos.

¹⁵Idem.

¹⁶Idem.

européia e de ser oriundo de uma “colônia alemã”, como representa a localidade onde mora. Ele interrompe a rememoração para demarcar um forte posicionamento identitário: “Que na verdade, nós não somos brasileiros (...)” A rememoração o incita a um posicionamento atual em relação à sua identidade nacional. Nesta tomada de posição, se percebe que, em primeiro lugar, ele se define não pelo que é, mas pelo que não é. Neste sentido, a diferença está no cerne da sua auto-identificação. Em segundo, ao afirmar “nós não somos brasileiros”, traça uma fronteira que o distancia dos brasileiros. O que subjaz à construção de sua auto-identificação neste momento não são apenas a experiência de migração e o convívio na Suíça, mas também situações vividas no presente, a partir do qual constrói seu relato. Uma delas é o convívio cotidiano com pessoas “brasileiras”, como se refere, das quais parece querer se diferenciar. Outra é a própria situação da entrevista, na qual participaram, além de sua esposa e de ex-“estagiário”, todos descendentes de alemães. Por isso, ao se identificar, não utiliza a primeira pessoa do singular, mas o pronome “nós”, identificando-se, desta maneira, como membro de um grupo, os “não brasileiros”. Assim se refere a si próprio, à esposa e ao ex-“estagiário”, com o qual dialogou em diversos momentos da entrevista. Estava se referindo também a outros moradores do distrito com traços culturais semelhantes e com os quais se identifica. Suas memórias e expressões de identificação, desta forma, foram construídas na relação que estabeleceu, durante a entrevista, com os demais participantes.

A linguagem não é mero suporte para a afirmação de identidades. Tomamos emprestado de Maura Penna a perspectiva de que a “linguagem não apenas expressa a experiência, mas antes a constitui, pois é através dela que o migrante constrói uma representação da própria vida, dando-lhe significado”.¹⁷ Ao tratarmos de questões identitárias, levamos ainda em conta que todo uso da linguagem envolve alteridade e situacionalidade.¹⁸ A expressão de discursos de identidades através das memórias depende das condições de enunciação, pois a expressão de identidades é sempre relacional. Através desta perspectiva, pautada nas considerações de Stuart Hall, se desconstrói a concepção de que a identidade seja algo pré-existente, que transcenda a lugar, tempo, cultura e história, pois a identidade, segundo o autor, tem mais a ver com o tornar-se do que com o ser.¹⁹

Apesar de não ter sido aceito como “um dos nossos” na Suíça, como talvez inicialmente esperasse,

Geraldo afirmou “ter sangue europeu”, ou seja, afirma um pertencimento baseado no *jus sanguinis*. Desta forma, resignifica um posicionamento identitário também perceptível entre habitantes de outras áreas com presença de descendentes de alemães no Brasil, através do qual se reconhece a cidadania brasileira, mas se acentua uma “origem alemã”, como forma de distinção étnica. Em alguns casos, esse posicionamento é radicalizado pela crença na existência de um “sangue alemão”, ou seja, a identificação étnica se utiliza de supostas diferenças biológicas hereditariamente transmissíveis.²⁰ Como observado, a migração para um país como a Suíça, muito embora para a parte “alemã” do país, faz Geraldo e outros entrevistados alargar o raio deste pertencimento e afirmar ser portador de “sangue europeu”. Desta forma, parece negociar um pertencimento étnico a partir das condições colocadas pelo próprio programa da entidade suíça de recrutamento de mão-de-obra.

Ele e outros entrevistados destacam a apropriação, através das vivências naquele país, de um suposto jeito de ser e trabalhar próprio do suíço, visto como positivo para a formação individual e o desenvolvimento profissional: “É a experiência, eu acho que o que vale muito lá, e isso ajuda depois a continuar aqui, horários a cumprir, normas mais rígidas. Embora hoje, também, não sei se ajuda muito, porque um ano e meio, isso aí não fixa, volta a mesma coisa de antes”.²¹ Apesar de afirmar não ser brasileiro, como discutido anteriormente, admite uma diferença em relação aos suíços. Lá haveria horários a cumprir e normas mais rígidas, algo que faria da Suíça um exemplo a seguir. Apagar tais diferenças, através da apropriação de comportamentos e do modo de trabalhar, é um fim extremamente valorizado pelo entrevistado. Neste sentido, o trabalho na Suíça é visto como uma oportunidade para incorporar novas e melhores formas de trabalhar e viver. Entretanto, segundo ele, a redução do tempo do estágio para um ano e meio dificultaria a fixação destes valores. De algum modo, Geraldo busca problematizar a forma como atualmente o programa funciona, deixando implícito que a Agroimpuls atualmente investiria menos na formação destes trabalhadores brasileiros.

Em diversos momentos de sua fala, Geraldo mostra presunção em relação aos estagiários mais jovens, em primeiro lugar, pelo fato de seu estágio ter demorado o dobro do tempo e, em segundo, por ter sofrido maiores dificuldades que os mais jovens. O avanço tecnológico e

¹⁷PENNA, Maura. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, Inês (Org.) *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998, p. 90.

¹⁸LOPES, Luiz Paulo da Moita (Org.) *Discursos de identidades*. Discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003, p. 19.

¹⁹HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 24, 2006, p. 69.

²⁰Sobre isto ver o estudo de SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982, especialmente as p. 154-173.

²¹Entrevista concedida por Geraldo Vogel e Rafael Huber à Daiane da Silva, Toledo, 11.11.2008.

a maior facilidade nas comunicações, na atualidade, são argumentos utilizados para afirmar uma experiência de adaptação mais difícil do que aquela experimentada pelos estagiários de hoje. Geraldo explica que havia partido para a Suíça no início do processo de mecanização agrícola no distrito em que morava:

(...) naquela época o Brasil também era diferente. Nós não tinha telefone, eu não liguei nenhuma vez pra casa, pra mim telefone era coisa nova. Que nem eu falei no começo, que a distância tecnológica era diferente, não tinha ordenhadeira, não tinha tanque de puxar esterco, aqui na região não tinha trator, tava começando os tratores. Quando eu cheguei lá, tava a mecanização formada. Nós [aqui] não tinha essa mordomia de andar de carro nos fins de semana, muitos nem tinha carro. Nós não sabíamos dessas coisas que nós tamos sabendo hoje, festa, divertimento, comunicações.²²

Em sua narrativa demonstra um forte desejo de auto-afirmação e narra suas experiências enquanto “fala autorizada”. Se auto-representa como um dos “pioneiros” do programa e, desta forma, acaba estabelecendo uma hierarquia entre os ex-“estagiários”. Provavelmente o fato de um de seus filhos ter também participado do programa na Suíça e de outro estar se preparando para o mesmo fim, o faz, em diversos momentos, comparar sua experiência com a dos mais jovens. Também se deve levar em conta a presença do ex-“estagiário” mais novo na entrevista. Isso demonstra a necessidade de percebermos as condições de realização da entrevista e o lugar de onde o entrevistado fala, na análise das narrativas orais.

A despeito da opinião de Geraldo sobre a suposta não incorporação destes valores pelos mais jovens, a migração e estadia na Suíça foram destacadas pelos mais novos como um marco, um “divisor de águas” em suas vidas. É o que expressa, de forma mais enfática, Gilson Maier, mesmo tendo partido para a Suíça já aos 27 anos, em 2003: “(...) pra mim foi... Pra mim tem o antes da Suíça e o depois da Suíça. Não tem... é um divisor de águas”.²³ A maioria dos rapazes entrevistados emigrou numa idade relativamente mais jovem. Todos afirmaram nunca terem saído de casa antes. Vêem a migração e a estadia na Suíça como uma prova de maturidade, quase um rito de passagem para uma vida mais independente.

A migração é vista como uma forma de

aquisição/reprodução de capital material, social, cultural e simbólico,²⁴ o que, de certa maneira, os diferencia dos demais habitantes da comunidade. Essas possibilidades fazem com que os retornados incentivem parentes a participar do mesmo programa. É o caso de Edilmo Bahr, com quem conversamos no dia em que levou seu sobrinho para a seleção feita pela representante da Agroimpuls. Para ele, a preservação da língua alemã na família é um capital cultural importante e que pode vir a ser mobilizado mais tarde: “Eu falei, que nem... tenho um menino de vinte [anos] e uma menina de sete [anos]. Então eu tô incentivando bastante eles [a] falar a língua alemã. E falei pra eles, se um dia se interessasse fazer esse intercâmbio, que eu ia dar uma força pra ele, né?”²⁵ A migração para países de língua alemã, no caso dele e também de outros entrevistados, tem se reproduzido na família, seja através da Agroimpuls ou de outras entidades semelhantes. Um tio de Edilmo, do Rio Grande do Sul, também participou, quando jovem, de um programa de uma entidade similar na Alemanha.

Existem programas semelhantes oferecidos por entidades alemãs e que recrutam mão-de-obra no Sul do Brasil. Um deles é organizado pela Deula (*Deutsche Lehranstalt für Agrartechnik – Escola Agrícola Alemã*), programa dirigido, no Brasil, a filhos de agricultores, e que oferece trabalho por um ano na agricultura e pecuária como forma de “aperfeiçoamento profissional”.²⁶ Uma entidade vinculada à Deula, com sede em Ijuí, no Rio Grande do Sul, é responsável pela seleção dos candidatos. Através deste programa, inclusive, o atual mediador da Agroimpuls em Toledo, trabalhou na Alemanha, antes de participar do programa daquela entidade suíça. Outro entrevistado também nos informou sua participação em processo de seleção para trabalhar na Alemanha, realizado no município de Itapiranga, Santa Catarina, uma área que concentra populações descendentes de alemães.²⁷

Nas memórias dos mais jovens se percebe que as mudanças socioeconômicas ocorridas nas duas últimas décadas, na Europa, influenciaram de alguma forma suas experiências migratórias e seus discursos de identidades. Nestas memórias, a expressão de auto-identificações se realiza a partir de situações em que a alteridade muitas vezes não é propriamente o suíço, mas outros estrangeiros que trabalham no país. Desde o fim do chamado Socialismo Real, muitos trabalhadores do Leste Europeu acorreram à Europa Central e Ocidental, onde

²²Entrevista concedida por Geraldo Vogel e Rafael Huber à Daiane da Silva, Toledo, 11.11.2008.

²³Entrevista concedida por Gilson Maier à autora e Diná Schmidt, Toledo, 03.02.2009.

²⁴Utilizamos aqui a teoria dos capitais de Pierre Bourdieu, que distingue quatro tipos de capitais, o material, o social, o cultural e o simbólico e que aponta para a possibilidade de convertibilidade destes capitais. WEHLER, Hans-Ulrich. Pierre Bourdieu. Das Zentrum seines Werkes. In: *Die Herausforderung der Kulturgeschichte*. München: Beck, 1998, p. 26-28.

²⁵Entrevista concedida por Edilmo Bahr à autora, Toledo, 04.11.2007.

²⁶Em 1995 chegou a ser fundada uma entidade filantrópica, a Associação DEULA Ijuí – DEULA-Brasil, que através de convênio com a DEULA-Nienburg GmbH recruta jovens de 18 a 28 anos para trabalhar em propriedades rurais na Alemanha. Segundo o site da entidade, até o momento foram encaminhados 310 jovens para a Alemanha. http://www2.brasilalemanha.com.br/livro_deula.htm Acesso em 30.06.09.

²⁷Sobre a migração de jovens agricultores desta região, em Santa Catarina, ver RENK, Arlene; CABRAL JR., Wilson. Campesinidade e migração internacional: novas estratégias dos jovens rurais do Oeste Catarinense. *Esboços*, Florianópolis, v. 10, n. 10, p. 09-28, 2002 e RENK, Arlene. Os dados do mundo globalizado. In: *Narrativas da diferença*. Chapecó: Argos, 2004, p. 117-134.

são empregados temporariamente, principalmente na colheita. São os chamados *Saisonarbeiter*. Muitos entrevistados que foram para a Suíça depois de 1991 se identificam em seus relatos como brasileiros trabalhadores, em oposição àqueles migrantes do Leste Europeu.

É fundamental sublinhar quais elementos são destacados na afirmação de discursos de identidades neste contexto migratório particular. Analisemos o relato de Márcio Luís Wasen. Ele é um dos que foi para a Suíça em 1992, logo depois da abertura do Leste Europeu. Na época já era casado e pai de um filho recém-nascido, tendo revelado tal fato aos patrões somente depois de alguns meses na Suíça, pois a Agroimpuls não seleciona candidatos casados. Depois disso, um colega suíço se prontificou a ser padrinho do bebê, estabelecendo-se dessa forma uma relação de compadrio que perdura até hoje. A Agroimpuls também não permite que os ex-praticantes voltem a trabalhar na Suíça através dela. Os proprietários que empregarem novamente o mesmo trabalhador brasileiro não poderiam continuar a participar do Programa, segundo a representante da Agroimpuls. Entretanto, pudemos constatar que alguns entrevistados burlaram estas normas e voltaram para trabalhar ilegalmente, geralmente na mesma propriedade. É o caso de Márcio, que após a primeira estadia, esteve mais três vezes a trabalho na mesma propriedade, a convite do proprietário.

Muito embora admita a exploração da mão-de-obra brasileira na Suíça, vê a migração como uma “oportunidade”, assim como todos os outros entrevistados. No momento da entrevista, Márcio estava construindo uma casa nova com o dinheiro economizado na Suíça. A crença de que a migração é uma chance de acumular mais capital constitui, inclusive, o motivo de, à época da entrevista, dizer estar preparando o filho que havia sido selecionado naquele ano pela Agroimpuls para trabalhar na mesma propriedade onde havia trabalhado. Para obter mais experiência, antes de partir, o filho estava “ajudando” na criação de suínos de um colega do pai, também morador do distrito e ex-participante do programa, o qual havia estado sete vezes a trabalho na mesma propriedade suíça.

Importante destacar que nem pai, nem filho, são trabalhadores rurais. Márcio trabalha na marcenaria do pai, o qual migrou do Rio Grande Sul para Toledo, estabelecendo-se, inicialmente, como pequeno proprietário rural. Este e outros casos mostram que nem todos os candidatos selecionados, muito embora oriundos de famílias de origem rural, são pequenos proprietários rurais. Este fato aponta para as mudanças das relações socioeconômicas nos últimos anos na região e que resultaram na diversificação das relações de trabalho e no afastamento de muitos trabalhadores de

suas atividades na agricultura.

Márcio, assim como outros entrevistados, acentua a preferência de seus ex-chefes em relação à contratação de trabalhadores brasileiros. Indagado sobre o porquê disso, constrói uma narrativa através da qual afirma o caráter trabalhador “próprio” dos brasileiros do Sul:

Autora: Então eles já tinham falado pra você por que eles pegavam só brasileiros?

Márcio: Ah, porque eles acham que os brasileiro são mais ligeiro no serviço, e trabalham melhor, eles também já tentaram pegar iugoslavo, pessoal de lá, né, português... Não funciona. Eles não são que nem brasileiro. E eles mesmo tão um pouco revoltado com o país lá porque que nem os iugoslavo, os tcheco, eles podem entrar lá. Daí que nem o pessoal aqui do sul que quer entrar lá, trabalhar, daí eles cortam, né?...

Autora: E é por causa da língua também?

Márcio: Não, acredito que não. Mais é que não querem trabalhar. Quando nós tava lá construindo o chiqueiro, daí tinha bastante iugoslavo que fazia os serviço de ferro, assim, eu mesmo via lá que os cara são... não trabalha, são vadio, só pensa em fumar, sentar do lado, tomar água e matar hora, né.²⁸

O entrevistado expressa compreensão em relação ao posicionamento dos ex-patrões que estariam “revoltados” com o governo suíço por restringir a entrada dos brasileiros, representados como “o pessoal que trabalha”, em detrimento “daquele pessoal que não querem fazer nada, só querem sugar o país”. Assim demonstra compartilhar de concepções preconceituosas existentes na Suíça e em outros países da Europa ocidental em relação a trabalhadores do Leste Europeu.

A explicação de que a boa aceitação da mão-de-obra brasileira se deveria a uma maior disposição para o trabalho não confere com o exposto pela representante suíça da Agroimpuls. Apesar de ter acentuado a boa e positiva recepção da mão-de-obra brasileira pelos proprietários, o motivo principal de sua escolha, segundo ela, seria o melhor domínio da língua alemã destes candidatos, se comparados aos do Leste Europeu. Obviamente não lhe seria conveniente, enquanto representante da entidade, falar de uma preferência por trabalhadores mais dispostos a cumprir uma carga horária excessiva. Mesmo assim, permanece a questão do porquê afirmarem serem dados ao trabalho.

Por mais paradoxal que aparente ser, parece-nos que a própria percepção das condições de subalternidade a que estão sujeitos na Suíça faz com que os entrevistados insistam em valorizar sua força de trabalho. A afirmação de uma diferença entre modos de trabalhar e a valorização de uma suposta capacidade superior de trabalho pode ser uma forma encontrada pelos entrevistados de se sentirem menos desconfortáveis com uma jornada de trabalho muito

²⁸Entrevista concedida por Márcio Luís Wasen à autora e Daiane da Silva, Toledo, 05.04.2008.

superior a de trabalhadores da União Européia. A apropriação da palavra “estágio” e da autodenominação “estagiários” (*Praktikanten*) parece apontar para uma tentativa de não representarem suas experiências apenas como exploração de mão-de-obra, mas também como um aprendizado.

Na afirmação destes discursos de identidades, lançam mão de concepções correntes na sociedade de origem e que valorizam o trabalho. Segundo Davi Schreiner, a ocupação do Oeste do Paraná se efetivou a partir da escolha de migrantes que se auto-representavam como “afeitos ao trabalho”. O trabalho não seria apenas meio gerador de riqueza, mas também “meio pelo qual se reconhece o valor e a moral de um homem”.²⁹ Alguns entrevistados fazem do trabalho, inclusive, um elemento importante de distinção étnica no Brasil e de distinção nacional na Suíça. Ou seja, o trabalho enquanto valor é usado para se distinguir de trabalhadores de outras nacionalidades e também como critério de identificação para com outros brasileiros do Sul que participam do programa. Observe-se que diversos entrevistados se identificam não apenas como trabalhadores brasileiros, mas também como brasileiros trabalhadores. Ao se identificarem enquanto bons trabalhadores, não apenas marcam uma diferença em relação aos demais trabalhadores estrangeiros na Suíça, mas também circunscrevem os limites de seu pertencimento étnico no Brasil, ao traçar uma fronteira cultural entre os brasileiros do Sul e de outras regiões.

Foge aos objetivos deste artigo esclarecer as diferentes relações de trabalho e os mecanismos de exploração da mão-de-obra na Suíça. Mas é importante sublinhar que o entrevistado não trabalhou diretamente com os iugoslavos do qual se refere e que não percebe, ou pelo menos não expressa, outras relações de trabalho existentes na propriedade, as quais determinam a jornada de trabalho diário, o período do emprego e mesmo as relações entre patrão e empregados. No caso dos iugoslavos, não estavam trabalhando na propriedade como ele, mas como funcionários de uma empresa prestadora de serviços e sob outras condições de trabalho.

Márcio demonstra ter se apropriado de representações pejorativas dos patrões em relação a trabalhadores das nacionalidades citadas e que são muito correntes em países da Europa ocidental. É de se perguntar também em que medida tais preconceitos em relação a trabalhadores de origem eslava encontram pontos de intersecção com concepções pejorativas existentes no Brasil em relação àquelas mesmas populações. Em relação a isso, diversos estudos sobre situações de contato entre imigrantes no Brasil

demonstram a existência de preconceitos e conflitos étnicos. Giralda Seyferth, em estudo de caso sobre o Vale do Itajaí Mirim, em Santa Catarina, por exemplo, mostra como os descendentes de poloneses eram vistos por descendentes de alemães com desconfiança, em razão de uma suposta “falsidade” e “má índole”.³⁰ Também Ruy Wachowicz aponta para a existência de estereótipos em relação aos imigrantes poloneses no Brasil e, mais especificamente, no Paraná.³¹ Em nosso caso, a migração internacional parece atualizar representações sociais historicamente construídas sobre tais populações naquelas realidades.

Mesmo alguns entrevistados que não estiveram na Suíça, pais de um ex-“estagiário”, demonstram ter assimilado tais representações:

Valério: Eles preferem brasileiro a qualquer empregado da região, de países europeus. Brasileiro é de mais confiança e é mais empenhado, ele dá o sangue pelo trabalho e pelo patrão, enquanto que os países vizinhos lá, pra mencionar, a Polônia, a Eslováquia, a Eslovênia, aqueles países vizinhos lá... do Leste Europeu, tem funcionários, mas eles são assim mais... eles não tem amor [pelo trabalho], eles vão lá pra trabalhar, mas deu na vontade deles, não leva o trabalho até o fim, eles pegam e vão embora.

Marta: Sete horas e o resto...

Valério: Eles fazem as sete horas, mas não fazem hora extra, enquanto o pessoal daqui que vai pra lá, eles sentem que, “não, eu vim, eu tenho que fazer algo mais”.³²

Os relatos orais dos pais, ao falarem da experiência migratória dos filhos, nos permitem perceber a apropriação de representações sociais daqueles que vivenciaram a migração. Vemos também, na fala anterior, como a migração dos filhos pode interferir na atualização de identidades étnicas de familiares. Ao representarem o modo de trabalhar do “pessoal daqui” ou “daqueles do Leste Europeu”, como dizem, filhos e pais realizam um processo de elaboração simbólica a partir dos referenciais culturais e sociais disponíveis.

Nestes discursos de identidades e instituidores de diferenças percebemos o conflito entre duas concepções distintas de trabalho: o trabalho assalariado pago por turno, aos moldes do trabalho urbano, e o trabalho no campo. Este último é determinado pelos ritmos da agricultura, em que o trabalho não segue ritmos pré-estabelecidos pelo relógio, mas pela tarefa a ser cumprida. Esta última concepção está muito presente nos relatos orais e é usada como contraponto na diferenciação em relação a outros estrangeiros que, segundo Valério, “fazem as sete horas, mas não fazem hora extra”. Ele e outros entrevistados se identificam com

²⁹SCHREINER, op. Cit., p. 21.

³⁰SEYFERTH, op. cit., p. 159.

³¹WACHOWICZ, Ruy C. *O camponês polonês no Brasil*. Curitiba: Fundação Cultural Romário Martins, 1981.

³²Entrevista concedida por Valério e Marta Lenfers à autora, Toledo, 03.02.2009.

determinado *ethos* do trabalho e demonstram orgulho em relação a ele. Parecem prescindir dessa imagem de alteridade “laboriosa” para enfrentar as situações de exploração e subalternidade no exterior. A metáfora do sacrifício, expressa através da afirmação da disposição em “dar sangue” pelo trabalho e para o patrão, aponta para uma concepção quase sagrada do trabalho e do respeito à hierarquia social. A concepção positivada do trabalho enquanto valor moral pode ajudar a explicar o papel que estes trabalhadores brasileiros assumem nestas dinâmicas de exploração no mercado de trabalho europeu. Também tem peso o salário recebido mensalmente, inferior ao pago aos trabalhadores suíços, mas superior ao montante recebido na mesma função no Brasil.

Valério, inclusive, justifica o fato do filho ter obtido posteriormente trabalho na Dinamarca através de programa semelhante ao da Agroimpuls, por ser filho de agricultores. No momento da entrevista o filho estava pela segunda vez na Dinamarca trabalhando numa propriedade rural. Os pais fizeram questão de mostrar, ao final da entrevista, fotografias das vivências do filho no exterior como documentos de seu sucesso e aprendizado.

Os pais vêem a superação das dificuldades colocadas pela migração e a adaptação dos filhos no exterior como uma vitória e, além disso, como a confirmação de uma ética do trabalho associada ao “colono”, pequeno produtor rural descendente de imigrantes. Nas entrevistas percebe-se a valorização de categorias pertencentes ao que o antropólogo Klaas Woortman chamou de “ethos camponês”, como terra, família e trabalho. Estas categorias, segundo o autor, não devem ser vistas meramente como fatores, mas como valores que são estreitamente interligados.³³ Os entrevistados demonstram compartilhar uma ética em que o trabalho, quanto mais árduo, mais honrado é considerado.³⁴ Isso porque tanto pais como filhos sublinham uma disposição para o trabalho “puxado”, como dizem, e de terem “amor ao trabalho” e serem persistentes perante as dificuldades colocadas pela exaustiva jornada de trabalho e pelos estranhamentos no exterior. O trabalho em propriedades rurais na Suíça é associado a valores implícitos à categoria “colono”, termo usado no Sul do Brasil para se identificar “descendentes de imigrantes cujas famílias tradicionalmente se dedicam à agricultura”, às vezes também empregado pelos entrevistados.³⁵ Segundo Giralda Seyferth, o termo “colono”, em geral, é “tomado como sinônimo de pequeno proprietário rural e é regido

por valores específicos, entre os quais se destacam a dedicação ao trabalho, a natureza da produção e o passado comum de colonizadores da região”.³⁶ O “colono” seria aquele que, dedicado à terra, exerce trabalho duro e se considera capaz de produzir por causa das suas qualidades morais e do seu saber tradicional.³⁷ As narrativas de Valério e Marta dialogam com esta idéia do “bom colono”.

A migração do filho deste casal e de outros pais, através deste programa, parece não contradizer a lógica da reprodução da propriedade rural da família, mas é representada como uma forma de reprodução de capitais. Nesta e noutras propriedades, o jovem que migra, quando necessário, é substituído pelo trabalho de um assalariado ou seu trabalho é absorvido pela família. No caso citado, o que migrou é o oitavo filho do casal, o qual vê a migração como uma possibilidade de aprendizado, inclusive para ser aplicado mais tarde na propriedade. O tipo de migração, temporária e por tempo determinado, cria a expectativa de que o filho retorne, mesmo que ele depois migre novamente para trabalhar temporariamente, como foi o caso. O filho já havia retornado duas vezes à Europa, em razão da inquietude vivida após o retorno ao Brasil, segundo os pais. Diversos retornados afirmaram terem se sentido “deslocados”, pelo menos inicialmente. É o que nos comentou Márcio Meier, ao falar do seu retorno: “Foi difícil, acho que foi mais difícil o retorno do que o choque de cultura quando eu fui daqui pra lá. Tanto é que nos primeiros três meses [aqui] eu fiquei em pânico. Até minha mãe falou assim: ‘Não! Se continuar assim nervoso desse jeito pode voltar pra lá de novo!’”.³⁸

Na entrevista com Valério, anteriormente citada, percebemos ainda a continuidade que o pai traça, indiretamente, entre a história de migrações na família e a migração do filho para o exterior. Mesmo sabendo previamente dos objetivos deste projeto de investigação, começou a entrevista contando a história de imigração na família, sobretudo de um dos troncos familiares cujos descendentes se espalharam pelo Brasil e pela Argentina. A memória genealógica desse tronco familiar, segundo ele, tem sido festejada em grandes encontros de família realizados nos últimos anos, dos quais participou e que conta com orgulho. O mote principal destes encontros, comuns ultimamente entre descendentes de imigrantes europeus no Brasil, é o culto aos ancestrais, resultando na solidificação de memórias épicas da imigração e colonização.³⁹ As migrações na família, sejam as dos ancestrais alemães em direção ao Brasil, no século XIX, a dos entrevistados ou seus pais, do Rio Grande do Sul para

³³WOORTMANN, Klaas. Com parente não se negueia. O campesinato como ordem moral. *Anuário Antropológico/87*, Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1990, p. 23.

³⁴DELBUS apud WOORTMANN, op. cit., p. 21.

³⁵SEYFERTH, Giralda. As contradições da liberdade: análise de representações sobre a identidade camponesa. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 18, ano 7, fev. 1992, p. 80.

³⁶Idem, ibidem.

³⁷SEYFERTH, op. cit., p. 80-81.

³⁸Entrevista concedida por Gilson Maier à autora e Diná Schmidt, Toledo, 03.02.2009.

Toledo, no início dos anos 50, ou a dos jovens em direção à Europa, fazem parte das memórias desta e de outras famílias na localidade. Suas memórias e a de outros entrevistados parecem expressar o que Rina Benmayor e Andor Skotnes chamaram de “identidades migratórias transgeracionais”.⁴⁰ Quando perguntado se ainda falam a língua alemã, não só confirma como também responde nesta língua, procedendo assim um significativo *shift* lingüístico: “Aber ganz sicher! [risos] Wir sprechen alles deutsch [...] wir haben schon immer Deutsch gesprochen. Heute sprechen wir es nicht mehr, weil wir leben unter Brasilianer”. Desta maneira, o entrevistado expressa também um pertencimento étnico a partir da oposição em relação aos “Brasilianer”⁴¹ (brasileiro). Os pais, contudo, lamentam o fato de o filho ter tido que pagar um curso de alemão antes de ir para a Suíça, ao invés de ter aprendido na família. Não só este, mas outros candidatos também relatam as dificuldades em entender, inicialmente, o dialeto e mesmo o alemão padrão (*Hochdeutsch*) falado pelos patrões suíços, em virtude da falta de fluência na língua.

De volta às narrativas da diferença sentidas na Suíça, nem todos os retornados interpretam da mesma forma as diferenças que estabelecem entre brasileiros e outros estrangeiros na Suíça. Gilson Maier, por exemplo, também valoriza a mão-de-obra de brasileiros na Suíça, mas diferentemente de outros, procura elencar diversos fatores que dificultariam a inserção de outros estrangeiros. Assim responde à pergunta sobre o porquê do chefe preferi-los:

porque falam o alemão e sabem trabalhar, tem uma noção do trabalho. Você pega um polonês, o cara não sabe falar alemão e muitas vezes vêm da cidade, daí, já pra se comunicar é difícil, daí o cara vai começar a pegar o fio da meada quando tá indo embora, o cara vem esse ano quatro meses e de repente nunca mais vem.⁴²

A referida preferência dos patrões suíços em relação à mão-de-obra brasileira não se sustenta se olharmos as estatísticas da entidade dos últimos anos. Em relação ao número total de estrangeiros participantes dos programas da Agroimpuls, a participação dos brasileiros, proporcionalmente, decaiu de 12,1%, em 1991, para 3,6% em 2005, chegando a 2,4% em 2001. Isto certamente tem relação com o aumento significativo do número de trabalhadores recrutados no Leste Europeu

neste período. Desde 1991 houve um aumento significativo do recrutamento de mão-de-obra pela entidade e a maioria dela foi recrutada em países do Leste Europeu. Se em 1991 foi recrutado um total de 322 trabalhadores, em 2004 chegou-se a um total de 2.331.⁴³ A abertura do Leste Europeu certamente facilitou o recrutamento de mão-de-obra nestes países, pois, se em 1991, 54,6% dos trabalhadores eram do Leste Europeu, em 2004, trabalhadores desta área perfaziam quase a totalidade dos recrutados (96,1%).⁴⁴

A despeito destes números, a maioria dos entrevistados ressalta uma preferência dos seus empregadores por mão-de-obra brasileira e a justificam através da afirmação de uma maior capacidade para o trabalho nas propriedades rurais. Se confrontarmos tais interpretações com o relato oral da representante da entidade,⁴⁵ percebemos mais nitidamente nas entrevistas com os retornados o fenômeno do *realce*⁴⁶ na afirmação de identidades étnicas. Dependendo da situação e das pessoas com quem há interação, um indivíduo ou grupo pode realçar a etnicidade por meio de recursos disponíveis.

A representante da Agroimpuls confirma o caráter especial do programa com o Brasil, pois apesar de serem poucos os brasileiros selecionados anualmente, diversos proprietários têm contratado sempre brasileiros. Também afirma, diversas vezes na entrevista, o maior conhecimento da língua alemã entre os brasileiros, se comparados com os estagiários do Leste Europeu. Além disso, as diferenças culturais entre os estagiários do Sul do Brasil e os suíços seriam menores do que as entre os estagiários do Leste Europeu e os suíços, segundo ela. Faz referência, ainda, a outros elementos, como a alegria e simpatia dos brasileiros, fato que lhe chama a atenção quando vem ao Brasil, onde sempre é bem recepcionada, ratificando concepções comuns no exterior em relação aos brasileiros. Não alega, contudo, como fazem os ex-“estagiários”, uma maior capacidade e disposição para o trabalho por parte dos brasileiros.

Há ainda outra diferença entre o discurso dos retornados e o da entidade. O pré-requisito de ter conhecimentos da língua alemã não pressupõe que os candidatos devam ter ascendência alemã. No próprio site da entidade, pode-se encontrar a informação de que candidatos com conhecimentos em língua francesa ou inglesa também podem ser selecionados. Contudo, a ascendência alemã é destacada por alguns entrevistados

³⁹Sobre os significados de encontros de famílias entre descendentes de imigrantes italianos no sul de Santa Catarina, por exemplo, ver SAVOLDI, Adiles. *O caminho inverso: a trajetória de descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania*. Florianópolis, 1998. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, p. 70-80.

⁴⁰Citados por THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: História Oral estudos de migração. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002, p. 347.

⁴¹“Mas claro! [risos] Nós todos falamos alemão. [...] desde sempre falamos alemão. Hoje já não falamos mais, pois nós vivemos entre brasileiros”. Tradução livre da autora.

⁴²Entrevista concedida por Gilson Maier à autora e Diná Schmidt, Toledo, 03.02.2009.

⁴³*Vermittlungszahlen von Agroimpuls*. Estatística sobre a proveniência da mão-de-obra recrutada pela Agroimpuls entre 1991 a 2005.

⁴⁴Ibidem. Em 2005 houve uma queda no número total de trabalhadores recrutados pela Agroimpuls (total de 1.758) devido à significativa diminuição do número de trabalhadores recrutados do Leste Europeu (1.682), provavelmente por causa da entrada de muitos destes países na União Européia.

⁴⁵Entrevista concedida por Monika Schatzmann à autora em 05.11.2007.

⁴⁶Sobre isso ver POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 166-172.

para explicar sua participação no programa.

Quais os sentidos destes realces? Quais os significados da afirmação de uma força de trabalho superior, a qual, por isso, seria preferida? Não seria ela a forma encontrada para se lidar individualmente com o ressentimento advindo da exploração da mão-de-obra, mesmo nos casos em que se mantêm laços pessoais com o ex-patrão? Em que medida a crença numa proximidade étnica e cultural não interfere, em alguns casos, na expressão destas representações de si e do(s) outro(s)?

Como visto, os que se identificam como brasileiros trabalhadores parecem fazê-lo a partir da apropriação de elementos presentes nas sociedades e culturas de origem e de destino. Em relação ao país destino, demonstram compartilhar concepções dos ex-chefes em relação aos demais trabalhadores estrangeiros, com os quais tecem comparações. Em relação ao local de origem, demonstram compartilhar valores e concepções, assim como uma memória que valoriza o “trabalho duro” dos migrantes descendentes de europeus e que imputa quase que somente a eles a transformação da paisagem social local.

Os entrevistados afirmam uma identidade híbrida e que parece ser reatualizada através da migração à Suíça. Ao valorizarem sua força de trabalho constroem discursos de identidade étnica pautados na idéia de uma origem (alemã/européia e rural) supostamente comum. A idéia de uma superioridade do trabalho do colono descendente de imigrantes e que perpassa interpretações da história regional parece encontrar pontos de intersecção com tais discursos de identidade étnica atualizados através da migração internacional. Neste sentido, percebe-se que a emigração e as experiências no exterior não revelam grandes rupturas nas estruturas de pensamento, mas a atualização de identidades étnicas no local de origem. Os retornados procuram, através das entrevistas, valorizar-se enquanto indivíduos que saíram do espaço rural de uma cidade do Oeste Paranaense e, através do programa, “ganharam o mundo”.

Espero ter mostrado, a partir deste estudo de caso, como pode ocorrer a atualização de identidades étnicas e nacionais em contextos migratórios. Sentimentos e representações sociais, expressas através de entrevistas, puderam revelar as ricas possibilidades da História Oral nos estudos sobre migrações.

Artigo recebido em: 01/07/2009

Aprovado em: 25/08/2009.